

Oração por Moçambique

Nuno Ferreira

Foi um "cem por cento católico" Afonso Dlakhama que surgiu ontem em Fátima a pedir a paz para Moçambique. Sem as habituais roupagens de militar, afável mas reservado, poucos admirariam que se encontrava ali o líder da guerrilha moçambicana. "Vim aqui por que confio muito na força de Deus."

Baixinho e atarracado, vestindo um fato azul escuro e uma gravata às riscas, nada nos faria acreditar que aquele africano que víamos descendo a escadaria da Basílica do Santuário de Fátima sob o sol outonal da manhã de ontem, fosse o líder de uma guerrilha conhecida pela violência que lhe atribuem na guerra civil moçambicana. E, no entanto, era ele mesmo, Afonso Dlakhama, 39 anos, presidente da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), quem, estendendo a mão ao repórter do PÚBLICO, aproveitava a visita a Fátima para reiterar uma inabalável fé no catolicismo. "Estou aqui porque sou cristão, sou católico e quero a paz para Moçambique. Vim aqui rezar pela paz porque confio muito na força de Deus, que é muito forte."

O filho de régulo que fez a instrução primária numa missão católica de São Francisco de Assis e frequentou o seminário de Boroma, em Tete, baptizado, crismado e baptizado pela Igreja, ainda hoje se afirma "cem por cento católico". Daí que, desde que chegou a Portugal, tenha manifestado a intenção de ir a Fátima.

Ontem de manhã, numa Basílica do santuário bem preenchi-

da de fiéis, era possível distinguir logo à primeira o grupo de Dlakhama, na primeira fila, bebendo com atenção cada apelo à paz e à conciliação em Moçambique proferido pelo reitor do santuário. "Temos muitos motivos para desejarmos a paz, somos todos irmãos", afirmava monsenhor Guerra, entre cânticos e saudações.

A recente "conversão da Rússia comunista", a que se atribui a intervenção da Nossa Senhora de Fátima, e o "fim do expansionismo soviético", que acabou por influenciar a situação em Moçambique, reforçaram o desejo de Dlakhama de visitar o santuário.

Para Dlakhama, o papel da Igreja católica em Moçambique é hoje primordial. "Há muito tempo que foi a Igreja católica a exigir que a Frelimo e a Renamo se juntassem", afirma, enquanto, à sua frente, na escadaria, os fotografos o assediavam. "Foi da iniciativa da Igreja que as duas forças se juntaram. A Igreja sempre teve um papel muito importante no ensino, por exemplo, e terá um papel muito importante com a Renamo."

O guerrilheiro "puro" que saiu da mata

"Vim a conversar com ele desde Lisboa de automóvel", contou o padre António Oliveira, director do Colégio Pio XII, "e ele pareceu-me um católico convicto. É um homem que não terá praticado muito mas quem tem uma formação católica desde a infância".

O padre Oliveira, que conheceu pela primeira vez Dlakhama na quinta-feira, antes da audiência deste com o cardeal patriarca, foi escolhido para acompanhar o líder guerrilheiro devido à sua experiência de longa data em contactos com a Unita. Amigo pessoal de Savimbi, com quem privou antes e depois do 25 de Abril, revelou-se surpreendido com a "simplicidade" de Dlakhama.

"É o guerrilheiro puro que

safu da mata", define, "o pé dele Savimbi é uma raposa velha. Dlakhama é mais genuíno e mais sincero que os políticos que conhecemos. Não é um político consumado, mostra quais os seus objectivos, fala sem rodeios, muito claramente, com poucas palavras mas sem floreios. Não terá a cultura e a facilidade de expressão de outros líderes guerrilheiros, mas capta pela simplicidade".

Esquecer e não retaliar

Falando pouco e baixinho, caminhando em passo sincopado de guerrilheiro, Dlakhama foi sempre em Fátima um homem discreto e simpático, cuja presença primou pela ausência dos aparatosos seguranças que, por exemplo, caracterizam as animadas passagens de Savimbi por Portugal.

Da missa na Basílica, passou às passeadeiras de mármore do lugar dos Valinhos, onde ocorreram aparições. "Se calhar aqui não vale a pena subir, é escorregadio", diz-lhe o padre Oliveira junto a uma subida. "Podemos subir? Vamos subir", responde de um fôlego Dlakhama. Mais tarde, o padre Oliveira comentará: "Na guerrilha, deve estar habituado a andar a pé." Dlakhama limita-se a sorrir, como quase sempre.

O guerrilheiro, que almoçou no Santuário, onde teve ocasião de deixar uma dedicatória na qual explicou que foi a Fátima pedir a paz, ainda teve tempo para visitar no Colégio Pio XII o filho mais velho do malgrado Evo Fernandes, que estuda na faculdade de Farmácia e dá pelo nome de... Evo Fernandes.

Dlakhama parecia satisfeito com a reacção das autoridades portuguesas. "Viram afinal que sou uma pessoa pela paz e que acredita na democracia", afirmou o líder guerrilheiro, que reafirmou em Fátima "um espírito de esquecer e não retaliar contra os que combateram". ■